



COLEÇÃO DE PALEOVERTEBRADOS DO DEPARTAMENTO DE GEOLOGIA E PALEONTOLOGIA DO MUSEU NACIONAL – UMA NOVA ESTRUTURAÇÃO⁽¹⁾

(Com 3 figuras)

DEISE DIAS RÊGO HENRIQUES⁽²⁾⁽³⁾

LUCIANA MACEDO DA PAZ⁽²⁾⁽⁴⁾⁽⁵⁾

EDMILSON BATISTA DE ALMEIDA⁽²⁾⁽⁴⁾⁽⁶⁾

VERÔNICA DA SILVA CISCOTO⁽²⁾

DOMENICA DINIZ DOS SANTOS⁽²⁾⁽⁷⁾

DIOGO JORGE DE MELO⁽²⁾⁽⁸⁾

RESUMO: A Coleção de Paleovertebrados do Museu Nacional/UFRJ abriga hoje em seu acervo cerca de 6.100 peças, dentre as quais vários exemplares-tipo, além de importantes coleções, como “Cope”, “Rocha” e “Desirée”. Para abrigar esse acervo, que teve início na década de 30, foram necessárias estratégias de reestruturação, no sentido de modernizar não só a disposição e o armazenamento do acervo em questão, como a área de laboratório de preparação de fósseis. Foram adquiridos um armário de aço (fixo) e dois armários deslizantes (compactadores), para os quais foram transferidos a quase totalidade dos exemplares. Com isso foi possível ordenar a Coleção pela sistemática dos grupos.

Palavras-chave: Museu Nacional/UFRJ, Paleovertebrados, Coleção.

ABSTRACT: The Paleovertebrate Collection from the Geology and Paleontology Department from the Museu Nacional/UFRJ – a new structure.

The Paleovertebrate Collection of the Museu Nacional/Universidade Federal do Rio de Janeiro houses approximately 6.100 specimens, including several type-material, besides important collections, as “Cope”, “Rocha” and “Desirée”. To preserve this collection, that began to be formed in the 30’s, some new strategies were developed to modernize the storage of the specimens and also the preparation area. Three steel closets (a fixed one and two movable archives) were acquired to where the majority of the fossils were transferred. This new arrangement allowed a systematic order of the collection.

Key words: Museu Nacional/UFRJ, Paleovertebrates, Collection.

INTRODUÇÃO

O Museu Nacional, unidade da Universidade Federal do Rio de Janeiro, é uma das instituições científicas brasileiras de maior renome, abrigando coleções sobre as mais diversificadas áreas das Ciências Naturais e Antropológicas, dentre elas a Coleção de Paleovertebrados. Esta se consagrou como uma das mais importantes coleções paleontológicas do Brasil em função de seu acervo que, até recentemente, destacou-se pelos espécimens da paleomastofauna brasileira e hoje intensifica seu conteúdo paleoherpetológico. No decorrer de sua história, incorporou importantes

coleções, como “Cope”, “Rocha” e “Desirée”.

A Coleção Cope é composta por exemplares coletados principalmente nos estados de Sergipe, Pernambuco e Bahia durante o século XIX. Em 1882, o material foi enviado para estudo ao paleontólogo americano Edward Drinker Cope, sendo no início do século seguinte estudado ainda por Arthur Smith Woodward. Em meados dos anos 40, os fósseis retornaram ao Brasil onde, por não estarem formalmente registrados, receberam o nome informal de “Coleção Cope”. Sua integração à Coleção de Paleovertebrados do Museu Nacional se deu nos anos de 1992 e 1993. Tem sua importância reconhecida principalmente por seu acervo

¹ Entregue em 31/07/2001. Aceito em 28/03/2002.

² Museu Nacional/UFRJ, Departamento de Geologia e Paleontologia. Quinta da Boa Vista, São Cristóvão, 20940-040, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

³ E-mail: deiseh@acd.ufrj.br.

⁴ Bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

⁵ E-mail: Impaz@acd.ufrj.br.

⁶ E-mail: emissinho@bol.com.br.

⁷ E-mail: d.santos@mn.ufrj.br.

⁸ E-mail: diogojmelo@bol.com.br.

paleoictiológico, embora contenha ainda alguns exemplares de grupos de répteis (SILVA, 1993).

A exemplo dessa, a Coleção Rocha também se encontra, atualmente, incorporada à Coleção de Paleovertebrados do Museu Nacional e se destaca pelo acervo paleoictiológico. É exclusivamente composta de peixes provenientes da Bacia do Araripe, em especial dos estados do Ceará e Piauí. Esta coleção foi doada para o Museu Nacional pelo Senhor Francisco Dias da Rocha; a instituição a organizou e preservou até então. Um dos trabalhos mais significativos referentes a esta coleção é o de JORDAN (1923), no qual criou a espécie *Tharrhias rochae* Jordan, 1923, em homenagem ao senhor Francisco. A Coleção Desirée abriga, sobretudo, fósseis provenientes da Bacia do Araripe, mais propriamente da Formação Santana. A mesma foi organizada por Rainer Alexander von Blittersdorff, que a nomeou em homenagem a sua filha (KELLNER, 1987). Esta coleção tem sua importância reconhecida por comportar um número representativo de holótipos, além de abrigar uma considerável diversidade da paleofauna e paleoflora da Formação Santana. Com a morte do senhor Rainer, seus herdeiros procederam à doação da coleção para o Departamento de Geologia e Paleontologia do Museu Nacional/UFRJ; no momento, ela se encontra em processo de incorporação.

Neste trabalho são consideradas duas fases de evolução da Coleção de Paleovertebrados do Museu Nacional. É também divulgada a nova metodologia de trabalho adotada pela equipe do Setor de Paleovertebrados/MN, que proporciona uma reestruturação do espaço físico e do acervo da referida coleção.

PRIMEIRA FASE

Teve início no final da década de 30, com as coletas do Professor Ney Vidal, e se estendeu até a década de 80; resultou no enriquecimento do conhecimento da fauna pleistocênica brasileira. Ainda no final da década de 40, o Professor Carlos de Paula Couto enriqueceu a referida coleção com exemplares dos diversos grupos faunísticos através de trabalhos de coleta e intercâmbio com museus estrangeiros. Mais uma vez o enfoque principal foi dado aos mamíferos fósseis, avançando em muito as pesquisas sobre aqueles de idade paleocênica. Suas contribuições se deram até a década de 80, sendo o trabalho de PAULA-COUTO (1979) a maior delas. Junto ao Professor Paula Couto, atuou o Professor Fausto Luiz de Souza

Cunha, também paleomastozoólogo, que deu continuidade aos trabalhos de campo, dedicando-se principalmente ao estudo dos fósseis pleistocênicos, até o final da década de 80.

As principais áreas de coleta desses pesquisadores se concentraram basicamente no Ceará, Paraíba e Pernambuco (Região Nordeste), Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais (Região Sudeste) e Rio Grande do Sul (Região Sul). Os demais estados brasileiros foram também áreas de atuação de pesquisa, em menor proporção. O material coletado, em sua maioria, foi incluído na coleção. O procedimento normal de inclusão no acervo seguia as etapas de preparação, identificação, catalogação – tanto em Livro Tombo quanto em fichas catalográficas – e armazenamento. Dois grandes problemas surgiram em função do processo curatorial existente. O primeiro relacionava-se à forma de catalogação adotada, em verdade a única opção existente na época. O uso contínuo do livro tomo, que ficou extremamente frágil e com folhas quebradiças, tornou o trabalho suscetível a perdas, colocando em risco as informações do acervo. O outro problema referia-se à forma de armazenamento das peças, feito em armários de madeira, obedecendo a ordem numérica de tombamento. A opção de organização por ordem numérica se deu, principalmente, pela falta de espaço físico de crescimento, necessário para uma organização sistemática. Com o passar dos anos, e aliado aos poucos recursos financeiros recebidos, os armários sofreram um processo de deterioração que começou a afetar não só os exemplares neles acondicionados, como também as etiquetas de identificação.

SEGUNDA FASE

Teve início na década de 90, sendo concomitante com o início da atuação do Professor Sergio Alex Kugland de Azevedo no Setor de Paleovertebrados, sendo os trabalhos de campo e as pesquisas no setor dirigidas para o estudo dos répteis.

Com a colaboração dos estagiários, deu-se início à reorganização e à informatização do acervo, para a qual optou-se pelo Sistema de Gerenciamento de Coleções (SGC), desenvolvido pelo Núcleo de Computação Eletrônica, Universidade Federal do Rio de Janeiro (NCE/UFRJ) (HENRIQUES *et al.*, 2000a). O SGC é utilizado em microcomputadores compatíveis com o IBM-PC sob o sistema operacional MS-DOS (versão 3.3 ou posteriores). Tem como objetivo gerenciar as coleções

científicas e criar condições para que sejam utilizadas em todo o seu potencial. Com ele é possível elaborar um Livro Tombo que, se danificado, seja facilmente recuperado. Permite a inclusão, exclusão, recuperação de dados e elaboração de relatórios de buscas livres. Estes fornecem dados para as atividades de curadoria, além do total controle de empréstimo realizado ou solicitado. Auxilia também no trabalho de pesquisa, permitindo, por exemplo, uma visualização imediata de áreas geográficas onde as informações sejam deficientes, definindo locais de futuras coletas.

A utilização do SGC não só facilitou o acesso aos dados, como também dinamizou a busca de informações por cientistas que procuram a instituição; além de possibilitar o acesso pelo sistema de rede interna do Museu Nacional.

No final da década de 90, com a chegada do Professor Alexander Wilhelm Armin Kellner, também especialista em répteis, ampliou-se o número de trabalhos de campo realizados, principalmente na região da Chapada do Araripe, nordeste do Brasil.

Cumprindo o objetivo de ampliar e diversificar a

coleção, novas necessidades surgiram, sendo a principal delas relacionada ao aumento do espaço físico disponível para armazenamento do material. A maior parte dos armários de madeira, seriamente afetados por cupins, foi substituída por armários de aço, sendo um conjunto fixo e dois com sistema de compactadores (Figs.1-3). Tal aquisição permitiu um ganho de espaço de aproximadamente 30% da área total para coleções. Além disso, permitiu a reorganização do acervo por ordenação sistemática e não numérica, como anteriormente feita. No processo atual, os exemplares recebem um número de entrada, seqüencial, e são armazenados por ordem sistemática, seguindo o modelo adotado pelas principais instituições científicas.

Nessa nova estruturação, o investimento na qualidade de preparação dos fósseis teve também um papel importante. O laboratório encontra-se melhor equipado, podendo aplicar novas técnicas de preparação mecânica e com ácido. Houve, ainda, um avanço na confecção de réplicas e de reconstituições para montagem de exposições e intercâmbios institucionais.

A rotina de inclusão de material na coleção segue



Fig.1- Vista do conjunto de armários de aço fixos, onde está armazenado todo o material referente ao gênero *Eremotherium*, e de um dos módulos do compactador, onde foi organizado o restante do acervo de edentados fósseis.



Fig.2- O armário fixo abriga além do material do gênero *Eremotherium* (A), todo o acervo proveniente da Bacia de São José de Itaboraí (B), com exceção do material-tipo, armazenado em armário próprio.



Fig.3- Dois módulos dos armários compactadores, que permitiram um avanço não só na organização como no manuseio da Coleção de Paleovertebrados.

o lastreamento, a catalogação, a informatização e o armazenamento do acervo. Esse conta atualmente com cerca de 6.100 registros, correspondendo a aproximadamente 10.000 exemplares catalogados, entre eles vários exemplares-tipo, abrangendo 72 espécies nominais (HENRIQUES *et. al.*, 2000b).

Há, ainda, necessidade de expansão da área de armazenamento da coleção, como também de aquisição de novos armários deslizantes. Para isso,

a equipe do Setor de Paleovertebrados continua desenvolvendo projetos de pesquisas e atuando intensamente nos trabalhos curatoriais.

AGRADECIMENTOS

Aos Professores Sergio Alex K. Azevedo e Alexander W.A.Kellner, Museu Nacional - Rio de Janeiro (MNRJ), pelas valiosas sugestões para o desenvolvimento do trabalho curatorial; aos

estagiários do Setor de Paleovertebrados (MNRJ), que contribuíram para que a nova organização fosse possível; ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), pelo apoio concedido.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- HENRIQUES, D.D.R.; ALVARENGA, L.C.F.; PAZ, L.M. & AZEVEDO, S.A.K., 2000a – Reorganização e Informatização da Coleção de Paleovertebrados do DGP/Museu Nacional/UFRJ. In: WORKSHOP SOBRE POLÍTICA DE INFORMATIZAÇÃO DE ACERVOS DO MUSEU NACIONAL, 1., Rio de Janeiro. **Documentos...**, Museu Nacional, p.8.
- HENRIQUES, D.D.R.; AZEVEDO, S.A.K.; CARVALHO, L.B.; CARVALHO, A.B. & GALLO, V., 2000b – Catálogo de fósseis-tipo da Coleção de Paleovertebrados do Museu Nacional – Rio de Janeiro.
- Publicações Avulsas do Museu Nacional**, Rio de Janeiro (81):1-25.
- JORDAN, D.S., 1923 – Peixes cretáceos do Ceará e Piauí. **Serviço Geológico e Mineralógico do Brasil**, Rio de Janeiro, Mono **3**:1-101.
- KELLNER, A.W.A., 1987 – Ocorrência de um novo crocodiliano no Cretáceo Inferior da Bacia do Araripe, nordeste do Brasil. **Anais da Academia Brasileira de Ciências**, Rio de Janeiro, **59**(3):219-232.
- PAULA-COUTO, C., 1979 – **Tratado de Paleomastozoologia**. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Ciências. 590p., il.
- SILVA, V.G., 1993 – **A “Coleção Cope” no Museu Nacional/UFRJ: Vertebrados fósseis da Bahia, Sergipe e Pernambuco (Brasil), e sua correlação estratigráfica**. Rio de Janeiro. 173p. Dissertação (Mestrado em Geologia) – Programa de Pós-Graduação em Geologia, Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio de Janeiro.